

PONTO DE VISTA ANTIIMPERIALISTA

JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Até que ponto a situação das repúblicas latino-americanas pode se assemelhar à dos países semicoloniais? A condição econômica daquelas repúblicas é, sem dúvida, semicolonial e na medida em que cresce o seu capitalismo e, conseqüentemente, a penetração imperialista, também tende a se acentuar esta característica da sua economia. Porém, as burguesias nacionais, que vêm na cooperação com o imperialismo a sua melhor fonte de proveitos, se sentem bastante donas do poder político, para que não se preocupem seriamente com a soberania nacional. Estas burguesias na América do Sul, todavia, não conhecem — salvo no Panamá — a ocupação militar ianque e não têm predisposição alguma para admitir a necessidade de lutar pela segunda independência, como supunha ingenuamente a propaganda “aprista”.

BURGUESIA E SOBERANIA NACIONAL

O Estado, ou melhor, a classe dominante não alcança sequer um nível mais amplo e certo de autonomia nacional. A revolução da independência está relativamente muito próxima, seus mitos e símbolos estão muito vivos na consciência da burguesia e da pequena burguesia. A ilusão da soberania nacional é conservada nos seus efeitos principais. Pretender que neste manto social esteja contido um sentimento de nacionalismo revolucionário, parecido com o que, em condições outras, represente um fator de luta antiimperialista nos países semicoloniais, avassalados pelo imperialismo nos últimos decênios, na Ásia seria um erro.

E em nossa discussão com os dirigentes do “aprista”, reprovando sua tendência de propiciar à América Latina um Kuomintang, como forma de evitar a imitação europeísta e adequar a ação revolucionária a uma avaliação exata da nossa própria realidade, sustentávamos há mais de um ano a seguinte tese: “A colaboração com a burguesia, e ainda de muitos elementos feudais, na luta antiimperialista chinesa, se explica por razões de raça, de civilização nacional que entre nós não existem. O chinês nobre ou burguês se sente estranhamente chinês. Ao desprezo do branco, por sua cultura estratificada e decrépita, corresponde o desprezo e o orgulho da sua tradição milenar. O antiimperialismo na China pode, portanto, repousar no sentimento e no fator nacionalista. Na Indo-América, as circunstâncias não são as mesmas. A aristocracia e a burguesia nativas não se sentem solidárias com o povo, pelo laço de uma história e de uma cultura comuns. No Peru, o aristocrata e o burguês brancos depreciam o popular, o nacional. Sentem-se, antes de tudo, brancos. O pequeno-burguês mestiço imita este

exemplo. A burguesia ‘limenha’ confraterniza com os capitalistas ianques e, ainda mais, com seus simples empregados no ‘Country Club’, no Tênis e nas ruas. O ianque desposa, sem inconvenientes de raça nem de religião, a senhorita nativa e esta não sente escrúpulos de nacionalidade nem de cultura, ao preferir o matrimônio com um indivíduo da raça invasora. Tampouco tem este escrúpulo a jovem da classe média. A ‘huachafita’, que pode apanhar um ianque empregado da Grace ou da Fundação, não o faz com a satisfação de quem se sente elevar na sua condição social. O fator nacionalista, por estas razões objetivas, que seguramente não escapam a nenhum de vocês, não é decisivo nem fundamental na luta antiimperialista do nosso meio. Só em países como a Argentina, onde existe uma burguesia numerosa e rica, orgulhosa do nível de riqueza e poder da sua pátria e onde a personalidade nacional tem, por estas razões, contornos mais claros e mais nítidos que nos países atrasados, o antiimperialismo pode (talvez) penetrar facilmente nos elementos burgueses; porém, por razões de expansão e de crescimento capitalistas e não por razão de justiça social e doutrina socialista, que é o nosso caso”

Este texto foi apresentado como tese na Primeira Conferência Comunista Latino-Americana (Buenos Aires, junho de 1929). Foi reproduzida de *O Movimento Revolucionário Latino-Americano* (Editado por *Correspondência Sul-Americana*). A mesma versão aparece no tomo II da obra de Martínez de la Torre (págs. 414 a 418). Foi lida por Julio Portocarrero, na ocasião em que se debatia “A luta antiimperialista e os problemas de tática dos partidos comunistas da América Latina”. Tradução de Edsel O. Britto.

José Carlos Mariátegui (1894-1930), intelectual marxista e dirigente revolucionário peruano. Fundador do Partido Comunista Peruano, deixou volumosa obra, entre as quais: *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana e Ideologia e Política*. A tradução deste texto, além de sua importância, é uma homenagem que o *Instituto Astrogildo Pereira* presta na passagem do 60º aniversário da morte deste que é considerado o mais importante intelectual marxista da América Latina.

A tradição da burguesia chinesa, a quebra do Kuomintang não eram todavia conhecidas em toda sua magnitude. Um conhecimento capitalista, não por razões de justiça social e doutrinária, demonstrou o tão pouco que ainda se podia confiar, em países como a China, no sentimento revolucionário da burguesia.

Enquanto a política imperialista consegue manejar os sentimentos e formalidades da soberania nacional destes Estados, enquanto não se sinta obrigada a recorrer à intervenção armada e à ocupação militar, contará com a absoluta colaboração das burguesias. Ainda que enfeudados na economia imperialista, estes países, ou melhor, as suas burguesias se consideram tão senhoras dos seus destinos como a Romênia, a Bulgária, a Polónia e os demais países dependentes, da Europa.

Estes fatos da psicologia política não devem ser descuidados, na avaliação precisa das possibilidades da ação antiimperialista na América Latina. Seu menosprezo ou o seu esquecimento tem sido uma das características da teorização "aprista".

O ANTIIMPERIALISMO

A divergência fundamental entre os elementos que, no Perú, aceitaram em princípio a Apra — como um plano de frente ampla, jamais como um partido e nem sequer como organização em marcha efetiva — e os que, fora do Perú, definiram-na como um Kuomintang latino-americano, consiste em que os primeiros permanecem fiéis à concepção econômico-social revolucionária do antiimperialismo, enquanto os segundos, assim explicam a sua posição: "Somos de esquerda (ou socialistas), porque somos antiimperialistas". O antiimperialismo aparece assim, elevado à categoria de um programa, de uma atitude política, de um movimento que se basta a si mesmo e que conduz espontaneamente, não sabemos em virtude de que processo, ao socialismo, à revolução social. Este conceito leva a uma exorbitante superestimação do mito da luta pela "segunda independência", ao romantismo de que estamos vivendo já, as jornadas de uma nova emancipação. Daí a tendência de substituir as ligas antiimperialistas por um organismo político. Da Apra, concebido inicialmente como frente única, como aliança popular, como bloco de classes oprimidas, passa-se para o Apra, definido como o Kuomintang latinoamericano.

O antiimperialismo, para nós, não constitui nem pode constituir, por si só, um programa político de massas, preparado para a conquista do poder. O antiimperialismo, admitido que pudesse ser mobilizado ao lado das massas operárias e camponesas, da burguesia e da pequena burguesia nacionalistas (já temos negado terminantemente esta possibilidade) não muda o antagonismo entre as classes, não suprime sua diferença de interesses.

Nem a burguesia, nem a pequena burguesia no poder podem fazer uma política antiimperialista. E temos a experiência do México onde a pequena burguesia acabou por compactuar com o imperialismo yanque. Um governo nacionalista pode usar, nas suas relações com os Estados Unidos, uma linguagem diferente daquela do governo Leguía, no

O antiimperialismo, para nós, não constitui nem pode constituir, por si só, um programa político de massas, preparado para a conquista do poder.

Peru. Este governo é franca e descaradamente pan-americana, "monroísta"? porém, qualquer outro governo burguês que faria praticamente o mesmo, em matéria de empréstimos e concessões. As inversões de capital estrangeiro no Peru crescem em relação direta e estreita com o desenvolvimento econômico do país, com a exploração das suas riquezas naturais, com o povoamento do seu território, com o aumento dos meios de comunicação. Que causa pode opor à penetração capitalista a mais demagógica pequena burguesia? Nada, senão palavras. Nada, senão uma momentânea bebedeira nacionalista. A tomada do poder pelo antiimperialismo, como movimento demagógico e populista, se fosse possível, não significaria nunca a conquista do poder pelas massas proletárias, pelo socialismo. A revolução socialista encontraria o seu mais encarniçado e perigoso inimigo, perigoso pela confusão, pela demagogia — na pequena burguesia estabelecida no poder, obtido através das suas palavras de ordem.

Sem prescindir do emprego de nenhum elemento de agitação antiimperialista, nem de nenhum meio de mobilização dos setores sociais que, eventualmente possam concorrer para essa luta, nossa missão é a de explicar e demonstrar para as massas, que somente a revolução socialista poderá opor ao avanço do imperialismo uma barreira definitiva e verdadeira.

PARTICULARIDADES DOS PAÍSES SUL-AMERICANOS

Estes fatos distinguem a situação dos países sul-americanos da situação dos países centro-americanos, onde o imperialismo yanque, recorrendo à intervenção armada sem qualquer vacilação, provoca uma reação patriótica, que pode facilmente conquistar para o antiimperialismo uma parte da burguesia e da pequena burguesia. A propaganda "aprista", conduzida pessoalmente por Haya de la Torre, não parece ter conseguido, em nenhuma outra parte da América, maiores resultados. Suas prédicas confusionistas e messiânicas, que ainda pretendem se situar no plano da luta econômica, apelam na realidade e particularmente para os fatores sociais; reúnem as condições necessárias para impressionar a pequena burguesia intelectual. A formação de partidos de classe e de poderosas organizações sindicais, com a clara consciência classista, não se apresenta destinada, nestes países, ao mesmo e imediato desenvolvimento que na sul-américa. Em nossos países, o fator classista é mais decisivo, está mais desenvolvido. Não há razão para recorrer a vagas fórmulas populistas, atrás das quais não podem deixar de prosperar as tendências reacionárias. Atualmente, o "aprista" como propaganda está circunscrito à centro-américa; na sul-américa, a consequência do desvio populista,

caudilhista, pequeno-burguês, que o definia como Kuomintang latino-americano, se encontra numa fase de liquidação total. O que ficar resolvido no próximo Congresso Antiimperialista, de Paris, cujo voto terá que decidir a unificação dos organismos antiimperialistas e de estabelecer a distinção entre as plataformas e agitações antiimperialistas e as tarefas de competência dos partidos de classe e as organizações sociais, porá fim absolutamente à questão.

IMPERIALISMO E LATIFÚNDIO

Os interesses do capitalismo imperialista coincidem, necessária e fatalmente nos nossos países, com os interesses feudais e semifeudais da classe dos latifundiários? A luta contra o feudalismo se identifica forçosa e completamente com a luta antiimperialista?

Certamente o capitalismo imperialista utiliza o poder da classe feudal, tanto que a considera a classe politicamente dominante. Porém, seus interesses econômicos não são os mesmos. A pequena burguesia, sem excluir a mais demagógica, atenua na prática os seus impulsos mais marcadamente nacionalistas, e pode chegar à mesma e estreita aliança com o capitalismo imperialista. O capital financeiro se sentirá mais seguro se o poder estiver nas mãos de uma classe social mais numerosa que, satisfazendo certas reivindicações mais prementes e dificultando a orientação classista das massas, está em melhores condições do que a velha e odiada classe feudal, de defender os interesses do capitalismo, de ser o seu guardião e seu agente. A criação da pequena propriedade, a expropriação dos latifundiários, a liquidação dos privilégios feudais são contrários aos interesses do imperialismo, de modo imediato. Pelo contrário, na medida em que os atrasos do feudalismo entravam o desenvolvimento de uma economia capitalista, este movimento de liquidação do feudalismo coincide com as exigências do crescimento capitalista, promovido pelos investimentos e pelos técnicos do imperialismo; que desapareçam os grandes latifúndios e que, em seu lugar, se constitua uma economia agrária baseada no que a demagogia burguesa chama de “democratização da propriedade do solo”; que as velhas aristocracias se vejam deslocadas por uma burguesia e uma pequena burguesia mais poderosa e influente — e pelo menos mais apta para garantir a paz social — nada disto é contrário aos interesses do imperialismo. No Peru, o regime “leguista”, ainda que tímido na prática, ante os interesses dos latifundiários e “gamonales”, que em grande parte lhes prestam o seu apoio, não vê inconveniente algum em recorrer à demagogia, em reclamar contra o feudalismo e seus privilégios, em clamar contra as antigas oligarquias, em promover uma distribuição da terra, que fará de cada peão agrícola um pequeno proprietário. Desta demagogia do “leguismo” extrai precisamente suas maiores forças. O “leguismo” não se atreve a tocar na grande propriedade. Porém, o movimento natural do desenvolvimento capitalista — obras de irrigação, exploração de novas minas, etc — vai contra os interesses e privilégios do feudalismo. Os latifundiários, à medida que aumentam as áreas cultiváveis, que surgem novas frentes de trabalho perdem sua força principal: a disponibilidade absoluta e incondicional de mão-de-obra. Em Lambayeque, onde são realizadas atualmente obras de irrigação,

a atividade capitalista da comissão técnica que as dirige, presididas por um esperto norte-americano, o engenheiro Sutton, entrou prontamente em conflito com as conveniências dos grandes latifundiários feudais. Estes grandes latifundiários são, principalmente, produtores de açúcar. A ameaça de que os monopólios da terra e da água lhes possam ser arrebatados e com eles as prerrogativas de dispor ao seu capricho da população de trabalhadores, solta as amarras desta gente e as atira para atitudes que o governo, ainda que bastante comprometido com muitos dos seus elementos, as qualifica de subversivas e de antigovernistas. Sutton tem as características do homem de empresa norte-americano e capitalista. Sua mentalidade, seu trabalho chocam o espírito feudal dos latifundiários. Sutton estabeleceu, por exemplo, um sistema de distribuição das águas baseado no princípio de que o seu domínio pertence ao Estado. Os latifundiários consideravam o direito sobre as águas implícito no seu direito sobre as terras. Segundo esta tese, as águas eram suas; eram e são propriedade absoluta de seus fundos.

A PEQUENA BURGUESIA E O IMPERIALISMO

E a pequena burguesia, cuja relação de lutas contra o imperialismo é tão superestimada, como se diz, por razões de exploração econômica, é necessariamente oposta à penetração imperialista? A pequena burguesia é, sem dúvida, a classe social mais sensível ao prestígio dos mitos nacionalistas. Porém, o fato econômico que domina a questão é o seguinte: nos países do pauperismo espanhol, onde a pequena burguesia pelos seus arraigados preconceitos de decência, resiste à proletarização; onde estas mesmas, pela miséria dos salários não têm força econômica para transformá-la em parte da classe trabalhadora; onde imperam a “empregomania”, o recurso ao pequeno cargo de Estado; a busca do salário e do cargo decente; o estabelecimento de grandes empresas que, ainda que explorando enormemente os seus empregados nacionais, representam sempre, para esta classe, um trabalho mais bem remunerado, é recebido e considerado favoravelmente pelas pessoas da classe média. A empresa ianque representa um salário melhor, possibilidade de ascensão, emancipação da “empregomania” no Estado, onde não há futuro senão para os especuladores. Este fato atua como força decisiva sobre a consciência do pequeno-burguês, em busca ou no desfrute de um cargo. Nestes países, os de pauperismo espanhol, repetimos, a situação das classes médias não é constatada nos países onde estas classes já passaram por um período de livre concorrência, de crescimento capitalista propício à iniciativa e ao êxito individuais, à opressão dos grandes monopólios.

IMPERIALISMO E SOCIALISMO

Em conclusão, somos antiimperialistas porque somos marxistas, porque somos revolucionários, porque opomos ao capitalismo o socialismo, como sistema antagônico e destinado a sucedê-lo, porque, na luta contra os imperialismos estrangeiros, cumprimos com nossos deveres de solidariedade com as massas revolucionárias da Europa.

Lima, 21 de maio de 1929